

Uma torcida organizada gay no interior gaúcho: memória e história da Maré Vermelha (1979-1992)

An organized gay fan club in the interior of Rio Grande do Sul: memory and history of the Maré Vermelha (1979-1992)

Eduardo Bortolotti Silveira

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Santa Maria. RS

eduardobortolottis27@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-9388-7610>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 02 de setembro de 2025

Resumo:

Este artigo apresenta resultados obtidos a partir de pesquisa sobre a Torcida Organizada Maré Vermelha. O objetivo da pesquisa se concentrou em compreender o surgimento do grupo em Santa Maria, RS, e sua atuação como torcida organizada gay nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul. Este grupo, vinculado ao Esporte Clube Internacional de Santa Maria, surgiu em 1979 e se diferenciava por se tratar de uma “torcida gay”, o que os distanciava do padrão heteronormativo das arquibancadas de futebol entre as décadas de 1970 a 1990, período de atuação do grupo. Para tanto, foram utilizadas fontes jornalísticas dos periódicos locais da cidade, além de entrevistas realizadas com integrantes da torcida por meio da História Oral. A partir da análise dessas fontes, estabelece-se uma discussão sobre o contexto histórico e social de surgimento da torcida, principalmente utilizando as ideias do sociólogo Pierre Bourdieu. Os resultados permitiram compreender o surgimento do grupo e sua forma de atuação nos estádios gaúchos.

Palavras-chave: Futebol. Torcida. Homossexualidades.

Abstract:

This article presents research findings on the Torcida Organizada Maré Vermelha. The objective of the research focused on understanding the group's emergence in Santa Maria, RS, and its role as a gay fan group in Rio Grande do Sul's soccer stadiums. This group, linked to Esporte Clube Internacional de Santa Maria, emerged in 1979 and distinguished itself by being a "gay fan group," which distanced it from the heteronormative norms of soccer stadiums between the 1970s and 1990s, the period in which the group was active. To this end, journalistic sources from local newspapers in the city were used, as well as oral history interviews with fan members. Based on the analysis of these sources, a discussion is established on the historical and social context of the fan group's emergence, particularly drawing on the ideas of sociologist Pierre Bourdieu. The results allow us to understand the group's emergence and its activities in Rio Grande do Sul's stadiums.

Keywords: Football. Fans. Homosexuality.

O contexto sócio-histórico de surgimento da Maré Vermelha

Ao imaginarmos um estádio de futebol na década de 1980 no Brasil, alguns arquétipos são identificáveis no imaginário: um local popular, geralmente dominado pela figura do elemento masculino. Mas não qualquer elemento masculino, mas as ideias que cercam a figura do homem heteronormativo. Pierre Bourdieu em sua obra “*A Dominação Masculina*” (1999) afirma que a dominação do homem heteronormativo está presente em vários setores sociais, perpassando por situações de trabalho, lazer, familiares, dentre outras. Essa situação acaba excluindo pessoas que não seguem essa norma, como mulheres e pessoas de gênero dissidentes. Além disso, o sociólogo também afirma que esta ordem não é natural, mas foi construída historicamente ao longo dos adventos das civilizações. Locais como estádios de futebol não fugiam (e atualmente não fogem) dessa lógica social excludente, que preza pela figura heteronormativa nas arquibancadas.

Com essa imagem construída dos torcedores que frequentavam estádios na década de 1980, podemos adicionar o fator regional, que, por muitas vezes, é influenciador de práticas sociais. Especificamente, Santa Maria, do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, que recebe a alcunha de “Coração do Estado”, pois localiza-se na região ao centro e à esquerda do mapa. Santa Maria, ao longo de sua história, é conhecida como um grande polo militar, pois sua região era e ainda é utilizada estrategicamente pelo exército brasileiro, com exemplos históricos deste uso do Brasil Colonial até a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).¹ Diversas instalações militares existem na cidade, sendo a maior delas a 3ª Divisão do Exército, grupo que apoiou fortemente o golpe à democracia ocorrido em 1964. O historiador Antonio Augusto Berni (2015) afirma que:

Situação bem conhecida, Santa Maria ao longo da história brasileira converteu-se em um importante polo militar do sul do Brasil, sendo sede da 3ª Divisão de Infantaria

¹ Participações do exército instalado na região que hoje é Santa Maria em situações de ordem nacional são encontradas desde as definições do Tratado de Santo Ildefonso (1777), passando pelas Guerras da Cisplatina (1825-1828); Guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852); Guerra do Paraguai (1864-1870); confrontos armados à favor do Tenentismo (1922-1927), além do exemplo citado da Ditadura Civil-Militar. Para mais informações sobre as relações da região de Santa Maria e o exército, consultar: MACHADO, Márcia Kaipers. A atuação histórica e geopolítica das forças armadas em Santa Maria. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 31-48.

do Exército (3ª DI) que se constituía em uma das duas guarnições de infantaria do Rio Grande do Sul que abrigava, por sua vez, a maior parte do contingente do III Exército Brasileiro. (Berni, 2015:3)

Possuindo esta importância para o exército brasileiro, a lógica militar estava presente na sociedade santa-mariense no Golpe de 1964. Cerezer (2012: 220) afirma que os militares ficaram de prontidão às ordens do alto escalão, além de tropas que partiram para apoiar o golpe em outros estados. Além disso, a cidade era alvo dos militares por possuir em seu território a ferrovia que ligava o estado a diversas outras regiões do Brasil, sendo um ponto estratégico na implantação do golpe. Viero & Figueiredo (2012: 122-123) afirmam que “o grande desenvolvimento da cidade de Santa Maria se deve ao surgimento da ferrovia. Com ela surgem segmentos que são importantes até hoje no município”.

Estes “segmentos importantes” presentes na citação acima podem ser entendidos como a classe ferroviária que se estabeleceu na cidade a partir da instalação das ferrovias, em 1885. Com este fato, o município tornou-se um grande centro de trocas culturais, pois diversas pessoas passavam pela cidade, além de aumentar consideravelmente a população. O advento da ferrovia possibilitou que Santa Maria crescesse na área educacional com a fundação de diversas instituições de ensino, sendo a maior expoente a *Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)*, fundada em 1960.

Estes três segmentos citados, por diversas vezes, vão interagindo na cidade. Principalmente na Ditadura Civil-Militar, onde a classe ferroviária (principalmente os sindicatos) e os estudantes são vistos como subversivos pelo governo antidemocrático. Berni (2015: 129) afirma que os ferroviários foram contrários ao golpe. Já Petró (2012: 7) enfatiza o fato que os estudantes de todo o Brasil não tinham liberdade para protestar ou se organizar politicamente, sendo passível de punições.

Frente a este contexto social que se apresenta nestes parágrafos iniciais, surgiu nesta cidade gaúcha, interiorana e militarizada um grupo que ousou romper (mesmo que essa não fosse a sua intenção primária) a lógica heteronormativa existente dentro de um estádio de futebol. A *Torcida Organizada Maré Vermelha* foi um grupo de torcedores de futebol vinculado ao *Esporte Clube Internacional de Santa Maria*, clube de futebol profissional filiado à *Federação Gaúcha de Futebol (FGF)*. A Maré Vermelha, que esteve em atividade entre 1979 a 1992, possuía como principal diferença frente a outras organizadas e ao público frequentador de estádios de futebol no referido período o fato

de que seus integrantes eram pessoas identificadas como LGBTQIAPN². Precisamente, se identificavam como uma “torcida gay”, pois era o termo utilizado na época referida para generalizar os grupos que se diferenciavam da norma heteronormativa.

Figura 1: Registro fotográfico da Torcida Organizada Maré Vermelha.



Fonte: *Almanaque dos 80 anos: E.C. Internacional*, 2008.

A origem do grupo é originalmente ligada ao carnaval e futebol santa-marienses que, entre as décadas de 1970 a 1980, foram dois dos principais meios de lazer na cidade. Estar presente, como protagonista, nestes eventos populares pode explicar o fato da torcida existir ao longo de 13 anos, se consolidando como a torcida gay mais longeva do Brasil. Mas, apesar de serem espaços considerados mais populares, não se pode afirmar que a existência do grupo foi pacífica e sem conflitos. Apesar de estar vivenciando os ares de uma tímida abertura política, o Brasil ainda vivia em uma Ditadura Civil-Militar que torturava e matava pessoas que não condiziam com os ideais conservadores, que era o caso das pessoas LGBTQIAPN+ integrantes do grupo.

²Sigla para designar pessoas que não estão no padrão heteronormativo. Cada letra abrange um segmento: lésbicas, gays, bi, trans, queer/questionando, intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pan/poli, não-binárias e mais.

Neste artigo estão apresentados os resultados obtidos na pesquisa para o Trabalho Final de Graduação em História, apresentado em 2021. O objetivo que norteou esta pesquisa, então, foi compreender como este grupo surgiu e se consolidou em meio ao contexto social e histórico da cidade de Santa Maria, RS e sua atuação como uma torcida gay nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul. Para tanto, a pesquisa se baseou em visitas ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria em busca de registros jornalísticos no principal periódico da época, o “*Jornal A Razão*”, que cobria eventos diários de Santa Maria e região, possuindo um amplo espaço para os esportes. Reportagens, citações, entrevistas e uma menção à partida de estreia da Maré Vermelha foram localizadas, sendo essa questão uma das maiores dúvidas que pairavam em torno da torcida.

Por fazer parte de um grupo social minoritário da sociedade, os membros da Maré Vermelha não possuíam locais onde suas demandas como pessoas LGBTQIAPN+ fossem ouvidas e atendidas. Nem mesmo suas histórias são devidamente registradas. Prova disso é o fato de que a Torcida Organizada Maré Vermelha, até o momento do desenvolvimento desta pesquisa, não possuía registros em trabalhos acadêmicos, não sendo nem ao menos lembrada na história sobre grupos LGBTQIAPN+ da história do Brasil. Aliado ao fato de que muitos integrantes da torcida estavam vivos e residentes na cidade natal, optou-se pelo uso da técnica da História Oral. A historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado (2006) define a técnica da seguinte forma:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (Delgado, 2006: 15-16)

Esta técnica foi utilizada principalmente para fornecer um meio para que os torcedores da Maré Vermelha possuíssem um local de voz com segurança. Seus atos frente a contextos contrários a sua existência são dignos de registro e orgulho para as pessoas de gênero dissidentes que apreciam o esporte e, muitas vezes, são excluídas destes meios. Utiliza-se a afirmação de Etienne François (2006) para compreender o uso da história oral para obter os resultados pretendidos acima:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada, a história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma história vista de baixo (...), numa perspectiva decididamente micro-histórica. (François, 2006: 4-5)

O historiador José Carlos Sebe B. Meihy (2005: 37) afirma que “aliada da democracia, a história oral se fez um braço na luta pelo reconhecimento de grupos antes afogados pelos direitos dos vencedores, dos poderosos, daqueles que podiam ter suas histórias conhecidas graças aos documentos emanados de seus poderes.” Optar por ouvir a trajetória da Maré Vermelha por seus protagonistas é uma forma de reparar o apagamento histórico sofrido por pessoas LGBTQIAPN+. Para proporcionar o reconhecimento merecido da torcida, entrevistou-se quatro ex-integrantes da torcida, sendo elas: Elizabeth Peres Flores (presente na fundação da torcida, em 1979); Marquita Quevedo, Luiz Carlos Kunrath e João Mathias Pinheiro Vieira (estes últimos presentes na torcida entre meados da década de 1980 até o seu final). Também foi entrevistado o torcedor de arquibancada Nelson Leal de Souza, que viu o surgimento da Maré dentro das arquibancadas.

Infelizmente, as lideranças fundadoras da Maré Vermelha faleceram alguns anos antes desta pesquisa, não sendo possível registrar suas visões acerca da torcida. Contudo, acredita-se que seus nomes são extremamente importantes na história das pessoas de gênero dissidentes de Santa Maria e do Brasil, pois seus atos de coragem resultaram em um legado para a população LGBTQIAPN+ da cidade e merecem maior reconhecimento nacional. Seus nomes eram: Carlos Marcelino Cabral, Monovan Rocha Pereira Gomes e Otávio Amaral.

As entrevistas foram realizadas de maneira online devido às normas de segurança vigentes na pandemia do coronavírus. Utilizando entrevistas semiestruturadas, foi possível registrar, ouvir e transcrever os relatos das pessoas que estavam presentes no cotidiano da Maré Vermelha. Estes registros são de extrema importância para compreender como a torcida surgiu e se afirmou como a torcida gay mais longa do Brasil, sendo possível também entender como o seguimento LGBTQIAPN+ de Santa Maria se organizava em um contexto de cidade interiorana.

Futebol e carnaval: os pilares da Maré Vermelha

Compreendendo como a realidade santa-mariense se apresentava entre as décadas de 1970 a 1980, podemos analisar os locais onde a Maré Vermelha surge e se consolida como grupo organizado, sendo eles o futebol e o carnaval. Já foi mencionado que grande parcela da população da cidade era composta pelos militares, estudantes e trabalhadores da viação férrea. Com isso, parte da população da cidade é notabilizada por ser itinerante desde seus primórdios, tendo a alcunha de ser uma cidade de passagem. Soma-se também os acontecimentos históricos que estavam ocorrendo no Brasil, como a Ditadura Civil-Militar. Apesar de estar em sua decadência e encaminhando-se para o seu fim com a abertura política, ainda se mantinha a lógica excludente e autoritária oriunda dos governos ditatoriais. Com uma gama diversa de pessoas e ideias, a cidade apresentava algumas opções de lazer e entretenimento. Entre essas opções, estão o carnaval de rua e o futebol.

O principal local de atuação da torcida era o Estádio Presidente Vargas³, casa do E.C. Internacional de Santa Maria. Este clube, juntamente com o Riograndense Futebol Clube, vai formar a chamada “Rivalidade Rional”, fruto dos diversos embates entre as agremiações ao longo de diversos amistosos, Taças Citadinas e Campeonatos Gaúchos. Entretanto, para compreender como essa rivalidade nasce e impacta diretamente o nascimento da Maré Vermelha, necessita-se entender como o futebol de Santa Maria se desenvolve e se mescla ao cotidiano da cidade.

O futebol na cidade de Santa Maria está presente desde o início do século XX, chegando com os Irmãos Maristas do Colégio Santa Maria (Sobrinho, 1989). Esta escola possuía como público-alvo as crianças pertencentes a alta sociedade santa-mariense, mas também abrangia crianças de baixa renda, fruto de ideias de caridade marista. O referido autor segue explicando que os primeiros registros de times de futebol na cidade datam de 1911, sendo dois times lançados nesse ano.

No ano seguinte, surge o *Riograndense Foot-Ball Club*, time de futebol ligado à referida classe ferroviária de Santa Maria. Por muitos anos, o Periquito⁴ foi clube que dominou o cenário futebolístico de Santa Maria e região, sendo vitorioso em diversas

³ O estádio do Inter-SM também possui um apelido curioso: “Baixada Melancólica”. Essa alcunha se explica no fato do estádio estar localizado em uma região de depressão do solo somado ao fato de ser “vizinho” do Cemitério Ecumênico Municipal, sendo possível visualizar as lápides das arquibancadas do estádio.

⁴ “Periquito” é uma das diversas alcunhas que o Riograndense possui, sendo esta explicada pelo fato de a mascote do time ser o periquito, além do fato do clube possuir a cor verde como predominante em seus uniformes de jogo.

partidas e campeonatos. Além disso, foi vice-campeão do Campeonato Gaúcho de 1921, sendo a equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense declarada campeã.

Em 1928 surge um contraponto à supremacia do Riograndense. O *Esporte Clube Internacional de Santa Maria* nasce por iniciativa da classe comerciária da cidade justamente para se opor ao Esmeraldino e propor um novo clube para a cidade. A iniciativa demonstra bons resultados, pois os clubes brigam ano a ano pelas Taças Citadinas de Santa Maria, formando assim torcidas que apoiam e se apegam aos clubes.

Entretanto, entre meados da década de 1970 a 1980, os clubes vivem cenários distintos. O Riograndense acompanha o declínio da ferrovia em Santa Maria, possuindo cada vez menos recursos, pois grande parte desta vinha da iniciativa dos trabalhadores e das associações existentes na linha férrea. Já o Inter-SM vive sua melhor fase, tanto regional quanto nacionalmente. O jornalista Candido Otto da Luz afirma, em seu *“Almanaque dos 80 anos do Inter-SM”* (2008), que esta foi a década de ouro do clube. O alvurrubro consolida-se como a primeira força da cidade, e cada vez mais é protagonista dos Campeonatos Gaúchos, sendo o seu ápice na edição de 1981, onde foi campeão do interior gaúcho⁵.

Nesta edição do campeonato, o clube não perdeu para a dupla Grenal, sendo considerado um grande feito para um time com menos expressão. O início da década de 1980 também marca o auge do clube no cenário nacional, participando da *Taça de Prata*, em 1981; e da *Taça de Ouro*, em 1982. Estes campeonatos equivalem, atualmente, às segundas e primeiras divisões do *Campeonato Brasileiro*, tanto é que o clube jogou contra equipes de grande porte, como a *Sociedade Esportiva Palmeiras* e o *Club de Regatas Vasco da Gama*.

Fora das quatro linhas, o clube também possui episódios de destaque. Em 1985, Sirlei Dalla Lana foi eleita presidenta do clube. Esse fato (até o momento da escrita deste artigo) é o segundo ocorrido no Brasil⁶, sendo um ato de resistência frente a um espaço dominado predominantemente pela figura masculina, considerando-se também o contexto histórico de exclusão das mulheres no ano em que ocorre. Além disso, a abertura para as mulheres no clube ocorrera dois anos antes, em 1983, quando

⁵ Este título, simbólico e anual, é dado à melhor campanha de um time do interior no Campeonato Gaúcho. Para times do interior, entende-se que sejam todos que não sejam as forças da capital, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.

⁶ A primeira mulher presidenta de um clube de futebol foi Jurema Bagatini, do Esporte Clube Encantado, da cidade de Encantado, RS, no ano de 1971.

surge o Departamento Feminino que conquista o título de campeãs do interior do primeiro Campeonato Gaúcho da categoria no estado.

É neste contexto de “década de ouro” do clube que surge a Torcida Organizada Maré Vermelha. Um dos fatores de sucesso da torcida nas arquibancadas pode-se também explicar por este bom momento vivido pelo clube. Os torcedores do clube estavam em ótima relação com o time, sendo mais receptivos com novos torcedores dentro do estádio. São estes torcedores que serão os anfitriões dos integrantes da Maré Vermelha, podendo-se estabelecer que os ótimos desempenhos do clube de certa forma auxiliaram na boa recepção da torcida. Para efeitos comparativos, podemos usar o caso da *Flagay*, torcida organizada gay vinculada ao *Clube de Regatas Flamengo*. Esta torcida teve uma duração curtíssima dentro do Estádio do Maracanã pois sua presença foi vinculada a uma derrota vergonhosa pelo placar de três a zero sofrida pelo time rubro-negro para o seu rival *Fluminense Football Club*⁷.

Diferentemente do futebol, que possuía um calendário que ocupava diversos meses do ano, o carnaval era mais destacado nos meses em que ocorriam os desfiles na rua, atuando principalmente entre os primeiros meses do ano. Escolas de samba existiam e eram ativas entre a população, movimentando o cenário cultural do município. Entre essas escolas, o destaque ficava para a Escola de Samba Vila Brasil. Fundada em 1959, a Vila possuía a peculiaridade de ser uma escola popular, pois abrigava, em seu desfile de rua, pessoas de baixa renda da cidade. O Jornal A Razão atribui à escola, em matéria de 1981, as alcunhas de ser “uma escola sem donos, é de povo e somente para o povo”; e “Vila Brasil, escola do povão” (A Razão, 1981: 6), demonstrando as características da escola. Além disso, um dos destaques da escola era a “Ala-Maravilha”, um setor destinado para as pessoas LGBTQIAPN+ desfilarem pelas ruas de Santa Maria.

Inserido dentro da Ala-Maravilha estava Marcelino Cabral. Marcelino trabalhava como servidor da UFSM. Com fortes ligações culturais, era também dançarino de ballet e carnavalesco. Sua escola de samba era a citada Vila Brasil, e por ser gay, fazia parte da Ala-Maravilha. É dentro desta ala que surge a ideia de formar um novo grupo para as

⁷ Para maiores informações sobre a Flagay, consultar PINTO, M. R. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH), Cuiabá, v. 1, nº 4, p. 102-123, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9192>. Acesso em: 29/05/2025.

pessoas LGBTQIAPN+ da cidade fora do espaço do carnaval. Marcelino também era apreciador de futebol, e então alia o já consolidado grupo da ala gay com as arquibancadas da cidade. Sendo seu primeiro alvo o Riograndense F.C, é no rival Internacional de Santa Maria que encontra um ambiente mais receptivo para seu grupo.

Por ser uma figura de liderança para a torcida e possuir influências dentro da escola de samba, Marcelino Cabral foi o elo da parceria da escola com o clube. A Vila Brasil torna-se apoiadora do grupo, estando presente nas arquibancadas. Especificamente, a charanga da escola, responsável pela animada música que embala os desfiles de rua, é que vai estar junto da torcida no estádio, fazendo um verdadeiro carnaval. Este trecho de reportagem do Jornal A Razão demonstra a relação existente entre os grupos:

MARÉ VERMELHA: está voltando ao estádio da Baixada para incentivar o Inter nos jogos do Gauchão. Tavico Amaral, presidente, e Marcelino Cabral, relações públicas, estão prometendo inúmeras atrações da Maré nas partidas do campeonato. A principal atração da Maré será a presença da bateria da Escola de Samba Vila Brasil. (A Razão, 1981:7)

Mathias Vieira, integrante da Maré Vermelha na década de 1980 exemplifica como funcionava a relação de parceria entre a escola e a torcida:

Tinha alguns pessoal da bateria da Vila Brasil, né, que muitos participantes da Maré Vermelha, na época do carnaval, saiam na Ala Gay da Vila Brasil. [...] a gente sempre teve um apoio assim dentro da escola de samba, né, então a gente sempre teve apoio, no que a gente precisasse ou no que eles precisassem a gente tava ali. Até a gente fez algumas participações com eles de arrecadação de roupas, de alimentos, né, então a gente sempre tinha essa parceria. (Vieira, 2021: 2-3)

Conjuntamente com o futebol, o carnaval foi fator importantíssimo de apoio para a consolidação da torcida como grupo atuante e seguro para as pessoas LGBTQIAPN+ de Santa Maria. Carente de espaços públicos onde pudessem se sentir seguros, a Vila Brasil e o E.C. Internacional surgem como espaços apoiadores destes grupos.

Surgimento e consolidação da Maré Vermelha nos espaços de lazer de Santa Maria

Esta análise sócio-histórica foi aqui apresentada para que fosse possível compreender o cenário de rivalidade futebolística que ocorria em Santa Maria entre as décadas de 1970 a 1980, afinal a Maré Vermelha surge neste contexto participando ativamente desta rivalidade e da ótima fase vivida pelo Inter-SM. O episódio de surgimento da torcida também está atrelado à forte rivalidade clubística da cidade.

Em 1979, Marcelino Cabral, servidor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), carnavalesco e grande fã de futebol decidiu que gostaria de assistir uma partida dentro de um estádio de futebol. O local escolhido? O Estádio dos Eucaliptos, casa do Riograndense F.C. Marcelino levou com ele alguns amigos, a maioria homossexuais, para acompanhá-lo. No local do certame, o pior aconteceu. Marcelino e seus amigos foram recebidos com violência pelos torcedores periquitos pelo simples fato de serem gays e estarem adentrando um espaço não receptível para pessoas fora do seu padrão heteronormativo. Beth, torcedora presente na fundação, afirma que:

“(...) eles tentaram fazer a torcida lá no Riograndense, aí não gostaram da ideia, aí eles foram pro Coloradinho⁸” (Flores, 2021: 3).

A ativista Marquita Quevedo complementa:

“segundo relato, foi criada da própria... outras situações de preconceito que a torcida acabou sendo Maré Vermelha para o Inter, né. Porque num primeiro momento, ela seria do Riograndense, então tem todos esses relatos” (Quevedo, 2021: 2).

Posteriormente, Marcelino buscou as arquibancadas do Presidente Vargas como alternativa para acompanhar as partidas de futebol presencialmente. Na Baixada, foi mais bem recebido pois possuía boa relação com a diretoria alvirrubra, além do fator rivalidade, pois a imagem do Inter-SM seria melhor vista que a do seu rival, que não acolheu torcedores em suas arquibancadas. Soma-se a isso o fato de Marcelino ser uma pessoa extremamente ligada à cultura da cidade, sendo um dos diretores da Vila Brasil. Sendo membra da Ala-Maravilha e da Maré Vermelha, Marquita Quevedo fornece uma visão sobre como esses grupos se organizavam:

Então são os dois espaços que na época se construiu em Santa Maria de movimento, de nem digo de movimento, também era um movimento, uma questão de espaço, de

⁸ “Coloradinho” é um dos apelidos populares do Inter-SM.

estar ali. Até de visibilidade pra época. Era os dois momentos que a população LGBT de Santa Maria tinha onde aparecer. Era durante o carnaval, na ala gay, que o pessoal esperava, na década de 70, 80, depois vem vindo, e a questão do futebol. E o futebol eu acho que ela passou, ela transcendeu porque foi permanente, ela foi o ano todo. A gente não era só na época do carnaval, a Maré Vermelha estava o ano todo. (Quevedo, 2021: 4)

O antropólogo Luiz Henrique de Toledo, em sua obra “Torcidas Organizadas de Futebol” (1996), afirma que:

Algumas das Torcidas Organizadas em São Paulo encerram uma peculiaridade interessante: são organizações populares criadas em torno do futebol profissional e, algumas delas, também participam, enquanto coletividade, do universo do samba paulistano, organizadas em bloco carnavalesco e escola. (Toledo, 1996: 90)

O autor analisa em sua obra exemplos da relação futebol-carnaval na cidade de São Paulo, mas este exemplo estende-se para outras regiões do Brasil, como é o caso citado de Santa Maria. O Inter-SM, e especificamente a Maré Vermelha, possuem uma relação de parceria com o carnaval da cidade. Esta parceria é citada em matéria do Jornal A Razão de 1982:

As Escolas de Samba também participam da alegria da Maré, prova disto é que os Embaixadores do Ritmo e especialmente a Vila Brasil sempre deram seu apoio e incentivo aos fundadores da Maré desde seu início. (A Razão, 1982: 28)

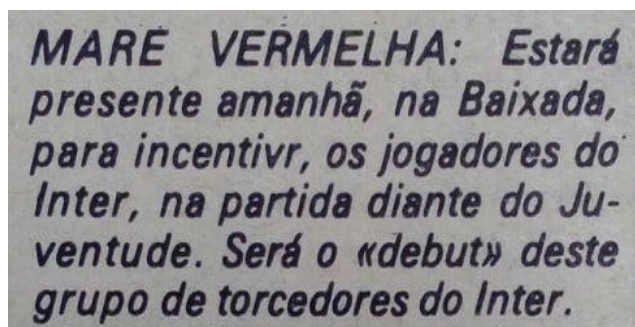
Enfatiza-se também a importância destes locais para a população LGBTQIAPN+ da cidade nas décadas de 1970 a 1990. As pessoas de gênero dissidentes não possuíam locais seguros para socialização, demonstrando uma carência existente na cidade. A Ala-Maravilha e a Maré Vermelha surgem como os primeiros locais onde estas pessoas podiam se sentir seguras e livres na cidade. Mathias Vieira relata que:

Não, da minha época tinha algum barzinho, que de vez em quando a gente ia lá. Ah, aniversário de alguém, vamos no barzinho, né. Mas que eu me lembre assim, não tinha boate, então a gente sempre ia na casa de alguém. Mas então era assim, às vezes era algum barzinho que a gente ia, ou aniversário de alguém, ou se reunia fim de semana, mas não tinha aquele local específico só nosso, né. (Vieira, 2021: 5)

Após os atritos iniciais nas arquibancadas do Estádio dos Eucaliptos e a consequente ida ao Estádio Presidente Vargas, a presença da Maré passou a ser uma constante entre os torcedores e a mídia santa-mariense. O primeiro registro da torcida no Jornal A Razão data de 1979, em partida do Campeonato Gaúcho onde duelaram o

Inter-SM e o Esporte Clube Juventude. A pequena nota pode ser conferida na imagem abaixo:

Figura 2: Registro jornalístico sobre a estreia da Maré Vermelha.



Fonte: Jornal A Razão, 03 de abril de 1979.

Estas datas também são consenso entre os torcedores e membros da Maré Vermelha. Nelson Leal de Souza, torcedor de arquibancada do Inter-SM desde 1978, afirma que “acredita que tenha sido em 79” o surgimento da torcida. Elizabeth Perez Flores estava presente na fundação da torcida com seu irmão, Amadeu Flores, e relata os acontecimentos com riqueza:

O meu irmão..., também era gay. E ele era amigo do Tavico e do Marcelino. Aí, volta e meia eles iam lá na Baixada assistir jogos. Aí, numa dessas, surgiu a ideia de fazer uma torcida gay. Aí se reuniram, e eu nem tomava conhecimento de que eles estavam fazendo, de que tinham esses planos. Aí, uma tarde, o meu irmão pegou e disse assim: “Amanhã nós vamos estreiar lá na Baixada”. E eu disse assim: “Vão estreiar o que? Vão virar jogador de futebol?” E ele disse assim: “Não, nós vamos pra torcida! Primeira torcida gay do interior do estado, que Porto Alegre já tem a Coligay.” (Flores, 2021: 1)

Na sequência, Beth complementa:

E fui, né, e amei! Fiquei com eles lá um tempão. Aí foi dia 30 de agosto de 79. A gente se reunia lá na casa do Tavico, na Rua 7 de setembro. Aí eles mandaram confeccionar bandeiras, com o nome da Maré Vermelha, mais bandeiras gigantescas do Internacional de Santa Maria, e aí fomos pro jogo, numa quarta-feira à noite, chovendo, frio! E estávamos lá prestigiando o Coloradinho contra o Esportivo de Bento Gonçalves. (Flores, 2021: 2)

Beth, em suas memórias esclarece com clareza de detalhes a estreia da torcida, apesar de alguns fatos estarem misturados, como é o caso do jogo de estreia. Meihy (2005) afirma que as memórias, com o passar do tempo, se modificam e se adequam ao presente. O autor segue afirmando que:

Na história oral busca-se o registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais. Com elas, constitui-se um documento objetivo que vale por si e, nesse caso, dispensa a análise, ou é equiparado a outros discursos e documentos. O que emerge sempre, portanto, são as afirmações concretas; de fora ficam os esquecimentos, que, contudo, fazem parte da totalidade dos eventos. (Meihy, 2005: 75)

Apesar de o relato de Beth e a fonte jornalística trazerem informações desencontradas, é consenso entre as fontes de periódicos e as orais que o ano de fundação da torcida é 1979⁹, que pode ser considerado um marco de memória para a torcida.

A presença da Maré Vermelha nos estádios de futebol

Um dos fatores mais relevantes sobre a Torcida Organizada Maré Vermelha é sua duração. De 1979 a 1992, foram 13 anos de atuação em estádios do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se como a torcida organizada gay que mais tempo esteve ativa no Brasil. Para efeitos comparativos, existem outras duas torcidas gays brasileiras que possuem maior prestígio: a *Coligay*, vinculada ao *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*; e a *FlaGay*, vinculada ao *Clube de Regatas do Flamengo*. A primeira citada existiu no Estádio Olímpico em torno de 6 anos; já a segunda durou apenas um jogo. Complementando essa informação, Luiza Aguiar dos Anjos afirma, em sua tese de doutorado, que localizou o registro de 21 torcidas gays no Brasil (Anjos, 2018: 152). Entretanto, nenhuma destas torcidas gays durou tanto tempo quanto a Maré Vermelha, trazendo ainda maior peso para a importância do grupo na história das homossexualidades do Brasil.

O principal espaço de atuação da Maré Vermelha era o Estádio Presidente Vargas, casa do E.C. Internacional de Santa Maria. Por ser uma das opções de lazer da

⁹ Outro fator de afirmação que 1979 é a data de fundação da torcida é a Tragédia do Hermenegildo ocorrida em Santa Vitória do Palmar, que trouxe o fenômeno natural maré vermelha à tona na mídia. Esta expressão estava em diversos veículos de imprensa gaúchos, sendo um nome que combinava com as cores oficiais dos uniformes do E.C. Internacional de Santa Maria.

cidade, este espaço era frequentado por diversos setores sociais, e destaca-se neste caso os já citados no texto: militares, ferroviários e estudantes, formando uma verdadeira mistura nas arquibancadas de concreto da Baixada Melancólica. Soma-se a isso o momento vivido pelo clube, sendo destaque em campeonatos regionais e nacionais, algo inédito para a história do município. Então, os torcedores da Maré Vermelha, neste cenário e local, estavam se fazendo perceber frente a grande parcela da população santa-mariense.

O estádio, espaço dominado pela presença masculina, é local de afirmação de virilidade. Esta afirmação pode ser de maneira violenta e física, por meio de brigas e xingamentos, mas também pode ser realizada por meio de *violência simbólica*. Este conceito, presente nas obras de Pierre Bourdieu, pode ser definido como uma violência mais suave e sutil e que fica presente no imaginário dos envolvidos, mas com efeitos na realidade social. Bourdieu define que este conceito da seguinte forma: “Entendendo ‘simbólico’, por oposição ao real, efetivo, supõe-se que a violência simbólica seria uma violência puramente espiritual e, em última análise, sem efeitos reais” (Bourdieu, 1999: 29).

Atuando principalmente por meio de palavras, a violência simbólica é utilizada para perpetuar a dominação de homens frente a grupos que não se encaixam no padrão heteronormativo e masculino, sendo as mulheres e pessoas de gênero dissidentes as principais vítimas. Ideias preconceituosas e falas machistas e homofóbicas são exemplos de uso da violência simbólica, que tenta a todo custo não deixar que os grupos minoritários socialmente estejam presentes em locais que são tomados por esta lógica.

Os estádios de futebol são espaços dominados por essa lógica heteronormativa. Cânticos machistas e homofóbicos são proferidos a plenos pulmões por grande parte da massa torcedora, além da linguagem pejorativa usada para tratar os jogadores e torcedores das equipes adversárias. Estas ações ocasionam em afastamento e medo dos grupos que são vítimas destes exemplos de violência, sendo um ambiente receptível somente para a figura do homem viril e hétero. O historiador Maurício Rodrigues Pinto cita que

A sustentação da ideia de dominação masculina se dá pela negação da legitimidade do direito à apropriação dessa manifestação cultural – tão significativa na constituição da sociedade brasileira – por pessoas que não se conformam a esse modelo. Por meio da violência simbólica (potencial ou real), mulheres e homens

homossexuais vêm-se constrangidos e mesmo sem legitimidade para frequentar os estádios na condição de torcedor. (Pinto, 2014: 3)

Podemos afirmar que o Estádio Presidente Vargas era um espaço dominado pela figura masculina no período em que a Maré Vermelha surgiu. Este pode ser um fator de explicação para um início levemente conturbado da torcida no estádio, mas que aos poucos foi sendo superado pelas pessoas LGBTQIAPN+. O torcedor Nelson Leal de Souza, frequentador do estádio desde 1978, faz afirmações sobre a torcida presente nas arquibancadas:

Todos (os torcedores) eram preconceituosos na época. E o pessoal, principalmente o pessoal mais antigo, xingava muito eles, quando eles entravam. Aqueles palavrões homofóbicos, né. No primeiro ano, eles tinham muita reação assim, do pessoal até xingar. Eles ficavam lá no cantinho deles. Aos poucos, aos poucos, isso foi caindo. (Souza, 2021: 2)

Nelson continua o relato lembrando de um episódio específico no período em que a torcida estava se afirmando no estádio:

E eu presenciei isso, ninguém me contou, eu presenciei uma vez. Eles estavam chegando, e dois homens, rapazes, desceram pra xingar, e dois deles subiram pra enfrentar esses dois, fisicamente. E o que aconteceu, os dois apanharam, tomaram uns tapas dos gays. Aí o pessoal ficou naquela gozação, aí foi indo, eles foram conquistando meio que na força, meio que na força. O tempo foi passando, o pessoal foi aceitando e depois era uma festa. A Maré entrava, era uma festa. (Souza, 2021: 3)

A visão de membros da Maré Vermelha também corrobora os relatos acima sobre a violência sofrida. Entretanto, por estarem vivenciando os fatos dentro do grupo, suas opiniões refletem também a aceitação dos torcedores, que foi conquistada aos poucos. Mathias Vieira declara que:

Dentro dessa concepção, a gente sempre botou em mente assim: se nós quisermos ser respeitados, nós temos que respeitar. Claro, que lá de vez em quando, existia uma piadinha, mas a gente sempre dava um jeito de não responder. Mas assim, ó, vamos dizer que 90% (dos torcedores) tinham uma boa aceitação, né. Porque quando a gente chegava, era uma festa, eles aplaudiam. Então a gente se sentia acolhido pelos torcedores, né. (Vieira, 2021:3)

Luiz Carlos Kunrath também segue a mesma linha de pensamento de Mathias Vieira:

Lá dentro era bem seguro, bem tranquilo, a gente entrava, desfilava, fazia foto, ali no campo todo mundo gritava, não tinha violência, não tinha nada. Todo mundo sabia que existia a Maré, aí depois a gente ia lá pro canto da gente, que era nesse canto aqui onde tinha os blocos, a gente ficava bem lá em cima, torcendo como outra torcida qualquer, lógico. Mas rolava um monte de coisa, né. Mas ninguém hostilizava a gente. Dava briga nas outras torcidas, com a gente nunca dava. Era legal, tu se divertia, tu ia pra se divertir. (Kunrath, 2021: 2)

Em jogos fora de Santa Maria, a Maré Vermelha também se fazia presente. Por serem *outsiders* aos estádios visitados, a violência era maior. Soma-se o fato de o grupo ser composto por pessoas de gênero dissidentes, o que ocasionava conflitos frente a grupos heteronormativos. Segundo relatos de entrevistados, em estádios do Rio Grande do Sul afora, a torcida dividiu opiniões. Beth exemplifica esta situação:

Nós fomos a Pelotas, a Caxias, a Rio Grande, a São Borja, Passo Fundo, Porto Alegre. Os únicos dois lugares que nós fomos maltratados foi Passo Fundo e São Borja. Os únicos dois lugares. Porque os outros recepcionaram a gente assim muitíssimo bem, muito bem mesmo. Tanto a torcida adversária, tanto o povo na rua, tudo. Era muito, muito, muito bom, era muito bem recepcionado. (Flores, 2021: 4)

Beth afirma que, além das agressões verbais, a violência física era constante:

Era verbal, era agressão física, tudo! Em Passo Fundo nós não apanhamos porque saímos do estádio antes. (Flores, 2021: 4).

Em matéria do jornal A Razão de 1982, Otávio “Tavico” Amaral afirmou que em algumas cidades, “a Maré Vermelha teve problemas de relacionamento, pois sua maneira gentil causou problemas aos machistas, principalmente em São Borja e Passo Fundo” (A Razão, 1982). Luiz Carlos Kunrath complementa os relatos afirmando que:

“às vezes era corrido, às vezes era apedrejado, não era muito boa a recepção em outras cidades. Até por que tu sabe, um monte de bichas sempre dá um tumulto né” (Kunrath, 2021: 3).

Para Bourdieu, a ordem masculina não precisa ser legitimada, pois já é regra natural imposta na humanidade. Seguindo isto, a presença masculina não precisa ser justificada, mas a presença de mulheres e homossexuais dentro destes espaços precisa ser justificada, ou sofrerá com consequências físicas e simbólicas. Para quebrar esse padrão excludente, o autor afirma:

É desejar [as mulheres] que saibam trabalhar em vista de inventarem e de imporem, no interior do próprio movimento social, e apoiando-se nas organizações nascidas da revolta contra a discriminação simbólica, da qual são, com os e as homossexuais, um dos alvos privilegiados, formas de organização e de ação coletiva e armas eficazes, nomeadamente simbólicas, capazes de abalar as instituições, estatais e jurídicas, que contribuem para eternizar a sua subordinação. (Bourdieu, 1999: viii)

A imposição e enfrentamento é fator primordial para que um grupo minoritário conquiste seu espaço. O exemplo de conflito citado por Nelson vem de encontro com a citação de Bourdieu, sendo a imposição por meio de resposta à violência sofrida. Entretanto, os membros da Maré Vermelha não conquistaram seu espaço na Baixada Melancólica somente por meio de violência física. Um dos diferenciais desta torcida organizada frente às demais era seu uso do bom humor e uma forte ligação com o fator festivo, lúdico e teatral das arquibancadas. Nos relatos orais, diversos são os relatos sobre o bom humor da torcida nas arquibancadas, como já foram mencionados nos trechos acima de Mathias e Luiz. Marquita Quevedo afirma que a torcida “virou uma atração nos times locais” (Quevedo, 2021: 9). Marquita, no relato a seguir, fornece mais detalhes sobre as ações lúdicas que a torcida performava nos estádios:

Nós chegávamos em outras cidades e a imprensa vinha entrevistar o Marcelino, entrevistavam nós. Até pelo visual que a gente também tinha. A gente fazia horrores, fazia alegoria, passava a noite toda, às vezes não dormíamos picando papel! “Ah, tem que levar farinha, tem não sei o que”, nós passamos acho que assim... domingo, tinha um jogo importante, sábado nós estávamos todas mobilizadas pra aquele jogo. Nós fazíamos sombrinhas, nós se vestia de prenda, nos vestimos de coelhinho. Tu imagina, um gay, com maiô branco, dentro de um estádio jogando balas pro povo? Outra vestida de prenda, outra já estava de gaúcho, tudo isso nós criamos naquele espaço, e nós tínhamos todo esse contexto, não era só a torcida. Então eu acho que a gente também era uma atração. (Quevedo, 2021: 8)

Marquita também relata um evento inusitado quando a torcida passou a torcer por times do Campeonato Citadino de Futsal de Santa Maria. Devido ao sucesso do grupo nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas, surgiram convites para apoiarem times amadores locais de futsal, sendo a equipe escolhida o time do “*Veículos Pozzobon*”¹⁰. Os jogos deste campeonato ocorriam no “*Ginásio do Corinthians*”, localizado no centro da cidade. O ginásio possui uma cobertura para poder receber jogos em dias de frio e chuva. Entretanto, os componentes da Maré Vermelha não tomaram

¹⁰ O time do Veículos Pozzobon era vinculado a uma empresa do ramo de autopeças da cidade. No início da década de 1980, era considerado um dos melhores times amadores de futsal da região, sendo 3 vezes campeão citadino.

ciência desse fato e protagonizaram um ato que reforçou a ideia de grupo performático.

Segundo as palavras de Marquita Quevedo:

A gente foi torcer pro Veículos Pozzobon, no Citadino. O futebol de salão de Santa Maria tinha um campeonato que era muito forte, até na questão do estado. A gente foi lá no Corinthians mesmo, a gente acabou mudando o Corinthians, porque a gente fez uma chuva de papel picado e farinha que depois nunca mais permitiram que a gente fizesse! A gente parou uma partida! Porque a gente levou tanta farinha que ficou uma nuvem, ficou tudo branco! Aí proibiram a entrada de farinha e de papel picado, isso era nós da Maré, dentro do Corinthians, ali. Aí tu imagina um ginásio, tu não via ninguém, era só nós, tu olhava pras caras todas brancas, parecia fantasma! (Quevedo, 2021: 4)

Este evento também esteve presente nas páginas do Jornal A Razão, especificamente na coluna do jornalista Claudemir Pereira, forte apoiador da torcida:

Quanto à torcida, há o episódio provocado pela Maré Vermelha, na entrada do Veículos Pozzobon. A gurizada jogou pó de arroz, farinha, talco ou algo semelhante. Por um erro de cálculo, o material caiu sobre a cabeça da torcida do Salão Universitário. Foi, como se viu, uma verdadeira correria. Mais que o transtorno esperado para os demais torcedores, acabou provocando a interrupção da partida, logo aos 23 segundos - por mais de 20 minutos - em função das condições em que ficou a quadra. (A Razão, 1984: 19)

São estes eventos performáticos, aliados a muita luta para conquistar seu espaço dentro de locais heteronormativos, que propiciaram que a Maré Vermelha se tornasse a torcida LGBTQIAPN+ que mais tempo durou no Brasil. O fim da torcida só veio após um triste episódio envolvendo Marcelino Cabral e Deonilso Roveda, dirigente do Inter-SM, no ano de 1991. Luz (2008: 431) afirma que, após uma partida vencida pelo Internacional, o “conselheiro Deonilso Roveda do Internacional agrediu o presidente das torcidas organizadas do clube, Marcelino Cabral.” Este fato ocorreu na rua, em frente ao estádio, após protesto das torcidas sobre a má atuação do time nos gramados. Marcelino, além de líder da Maré Vermelha, era presidente do Departamento de Torcidas Organizadas do clube. Para ele, este fato representou o fim da torcida, que se concretizou em meio a temporada de 1992.

Considerações finais

A análise da sociedade santa-mariense no recorte temporal de surgimento da Torcida Organizada Maré Vermelha permitiu estabelecer que existia uma lógica de

dominação masculina nos locais de lazer devido ao fato da existência de grandes grupos de homens que seguiam a norma heteronormativa. Um destes locais era o Estádio Presidente Vargas, onde estes grupos exerciam essa dominação e não eram receptivos aos grupos que não faziam parte desta norma.

Em contraponto a esta realidade, surge, a partir do carnaval, a Torcida Organizada Maré Vermelha, que se intitulava como uma “torcida gay”. Este grupo ousou romper a norma da heteronormatividade adentrando e ocupando as arquibancadas da Baixada Melancólica, criando assim um local seguro para as pessoas de gênero dissidentes dentro de um espaço heteronormativo. A Maré Vermelha representava o oposto aos grupos já estabelecidos dentro do estádio, pois sua própria existência já era uma ameaça à lógica vigente.

A partir da análise das fontes jornalísticas e orais, pode-se compreender o processo de surgimento e consolidação deste grupo nas arquibancadas em meio ao processo de fim da Ditadura Civil-Militar. Os membros da torcida, além de ousar enfrentar os torcedores heteronormativos, também tinham de se preocupar com o período político vigente. O advento da torcida não foi pacífico, com confrontos verbais e físicos sendo relatados nas fontes. Entretanto, com muita coragem, ousadia, humor e performance, a Maré Vermelha consolidou-se como a torcida gay mais longeva na história do futebol brasileiro, atuando ao longo de treze anos nas arquibancadas do Rio Grande do Sul.

A partir da análise das fontes, pode-se estabelecer que a Maré Vermelha representou uma ruptura parcial do padrão heteronormativo presente nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas. Parcial pois não quebrou a lógica vigente, mas se integrou, ocupou e resistiu, contornando as dificuldades impostas frente a grupos já estabelecidos. Com a utilização de fontes orais, pode-se criar um canal de representação para as pessoas LGBTQIAPN+ de Santa Maria que criaram os primeiros espaços de socialização homossexual da cidade, sendo extremamente importantes para a história das homossexualidades do Brasil.

Referências

ANJOS, L. A. dos. *De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria": uma história da torcida Coligay*. 2018. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

BERNI, A. A. D. *O Golpe Civil-Militar de 1964 em Santa Maria/RS: divisão de forças e sustentação política*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, [S. l.], v. 5, n. 10, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10537>. Acesso em: 29 mai. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. *Imprensa e Estado autoritário: o jornal A Razão e o Golpe Militar de 1964*. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 213-231.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇOIS, Etienne. “*A fecundidade da história oral*”. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006

LUZ, Candido Otto da. *Almanaque dos 80 anos: E. C. Internacional*. 1ª ed. Santa Maria: Gráfica Palotti, 2008

MACHADO, Márcia Kaipers. *A atuação histórica e geopolítica das forças armadas em Santa Maria*. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 31-48.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PETRÓ, Cleber Monticelli. *O movimento estudantil universitário em Santa Maria no final da Ditadura Civil-Militar (1979-1984)*. In: Encontro Estadual de História: História, Memória e Patrimônio, 11., 2012, Rio Grande. Anais Eletrônicos, Rio Grande: 2012, p. 946- 963.

PINTO, Maurício Rodrigues. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH)*, Cuiabá, v. 1, nº 4, p. 102-123, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9192>. Acesso em: 29 mai. 2025.

PINTO, Maurício Rodrigues. *Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol*. Ponto Urbe, n. 14, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1268>. Acesso em: 29 mai. 2025.

SOBRINHO, Hermito Lopes. *Futebol e Reminiscências*. 1ª ed. Santa Maria: Editora Grafos, 1989.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. 1ª ed. Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996.

VIERO, Lia Margot Dornelles, FIGUEIREDO, Vilma Dominga Monfardini. *O perfil demográfico e a distribuição espacial da população do município de Santa Maria (RS)*. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). *Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 119-142.

Periódicos

Maré Vermelha. A Razão, Santa Maria, p.7, 3 abr. 1979.

A Vila Brasil é uma escola sem donos, é do povo e somente para o povo. A Razão, p. 10, 6 fev. 1981.

Maré Vermelha. A Razão, Santa Maria, p.7, 5 jun. 1981.

Maré Vermelha há cinco anos com o Inter. A Razão, Santa Maria, p.28, 4-5 set. 1982.

Depoimentos

Entrevista concedida por FLORES, Elizabeth Peres em 15 mar. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2025. 1 arquivo .MP4 (58 min).

Entrevista concedida por KUNRATH, Luiz Carlos em 8 fev. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2025. 1 arquivo .MP4 (25 min).

Entrevista concedida por SOUZA, Nelson Leal de em 22 jan. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .MP4 (25 min).

Entrevista concedida por QUEVEDO, Marquita em 11 out. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .MP4 (41 min).

Entrevista concedida por VIEIRA, João Mathias Pinheiro em 19 out. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .MP4 (34 min).